

A semiótica do século XIX

Monica Bernardo Schettini Marques

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP
monicas@estadao.com.br

Resumo: Este trabalho parte da hipótese de que Peirce, ao desenvolver a teoria semiótica, entre o final do século XIX e início do século XX, levando a cabo a proposta não concretizada de Locke de construção de uma ciência dos signos, foi uma espécie de antena que captou o espírito de um tempo em que os signos proliferavam no compasso da cidade oitocentista. A fotografia, o cinema, o comércio variado, a especialização do trabalho e a conseqüente formação de tipos urbanos bem distintos são alguns dos elementos do período em questão, que nos permitem falar numa multiplicação sígnica. Nossa proposta não é a de negligenciar estudos anteriores de caráter semiótico que influenciaram o autor, ou os pressupostos filosóficos de sua semiótica, e sim o de inserir mais um elemento - o contexto histórico - na análise.

Palavras-chave: Semiótica. Século XIX. C.S. Peirce.

The Semiotics of the Nineteenth Century

Abstract: *The outset of this work is to suppose that during the development of Peirce's semiotic theory, from the end of nineteenth to the beginning of the twentieth centuries, carries forward the Locke's not concluded proposal to built a sign's science, working like an antenna bearing the aptness to catch up the thought during this period in which the signs have proliferated in the same compass of the nineteenth city. The photography, the cinema, the business changeableness, the specialization into all the human activities, followed by the constitution of well distinguished urban types, are some elements in this aforementioned period that allows us to talk about an actual sign's multiplication. Our main purpose isn't to neglect the semioticness of foregoing studies that have influenced this author, nor the philosophical essence of his semiotic thought, but to addition another element, the historical context, into the analysis.*

Keywords: *Semiotics. Nineteenth Century. C. S. Peirce.*

* * *

Este trabalho parte da hipótese de que Peirce, ao desenvolver sua teoria semiótica, entre o final do século XIX e início do século XX, levando a cabo a proposta não concretizada de Locke de construção de uma ciência dos signos, era uma espécie de antena apta a captar o espírito de um tempo¹ em que os signos proliferavam no compasso da cidade oitocentista. A fotografia, o cinema, o comércio variado, a especialização do trabalho e a conseqüente formação de tipos urbanos bem distintos, são alguns dos elementos do período em questão que nos permitem falar de uma multiplicação sígnica. A emergência da concepção de ideologia e o surgimento da teoria freudiana também parecem se atrelar à questão, como veremos mais adiante. Mas antes que a simples menção da hipótese, desperte no ouvinte argumentos que a refutem, talvez seja previdente fazer alguns adendos à nossa conjectura.

¹ A expressão hegeliana, *Zeitgeist*, parece adequada aqui, no sentido de frisar que o indivíduo é apanhado pelo espírito de seu tempo, arrebatado por ele. O momento histórico em que produções filosóficas, científicas ou artísticas se desenvolvem acaba por se revelar nestas produções.

Em primeiro lugar, é preciso enfatizar que a semiótica desenvolvida pelo autor não foi concebida como um arcabouço teórico para ser aplicado às transformações daquele período ou a uma situação específica. Peirce perseguia conceitos que dessem conta da multiplicidade de eventos da natureza e da cultura, construindo uma teoria de caráter geral, algo que fica patente quando se leva em conta a abrangência dos três elementos que compõem o signo (signo, objeto e interpretante).

Sobre este aspecto da teoria peirceana, é preciso ter atenção. Os signos não se limitam às entidades existentes. Entidades ficcionais, imaginárias, meramente sonhadas são capazes de ser signos (Ransdell, s.d.: 5-6 *apud* Santaella, 2000: 15). Também o objeto não pode se restringir à noção de um existente. Uma idéia, um conjunto de coisas, um evento ou ocorrência pode ser o objeto de uma dada relação sónica (Ransdell, 1983: 24 *apud* Santaella, 2000: 15). Com respeito ao interpretante², é importante notar que este não terá lugar apenas em mentes humanas, nem se limita ao nível biológico, abrangendo inclusive o universo das máquinas (Santaella 2001: 43).

Se por um lado, a abrangência que caracteriza a teoria dos signos peirceana deixa claro que o autor não desenvolveu uma semiótica aplicada a um determinado contexto, por outro, tal abarcamento torna possível sua aplicação às mais variadas situações. E a metrópole, com sua ampla variedade sónica que se manifesta na moda, nos sinais de trânsito, ou nos sinais do rosto de um transeunte, no comércio e nas fachadas, nos poetas e pintores, na comunicação massiva, interpessoal, verbal e não verbal, é um cenário propício para dar vazão às potencialidades que esta teoria encerra.

Em segundo lugar, não podemos negligenciar que a semiótica peirceana insere-se numa tradição que remonta à Grécia Antiga. Como demonstram vários trabalhos relacionados à história da semiótica (Deely, 1995; Noth, 2003; Beuchot, 2004), estudos sobre os signos emergem ao longo da história da filosofia, nas obras de Platão, Aristóteles, entre os estóicos, no pensamento de Santo Agostinho, na filosofia escolástica, entre outros. Na realidade, como bem observa Rodrigues (2000: 31), a origem da prática semiótica é tão antiga quanto o próprio homem, que desde sempre percebeu, transmitiu e interpretou signos, muito embora, tenha demorado milênios para dar a devida atenção a este elemento inseparável da realidade.

A consciência da relevância de um saber semiótico, de acordo com Rodrigues (2000: 31), está intimamente ligada ao desenvolvimento da escrita alfabética, levando a civilização a um mergulho o processo de abstração³.

Seguindo o pensamento de Rodrigues, parece correto dizer que o início do desenvolvimento de um saber semiótico fundamenta-se numa profunda modificação dos processos de representação. Deslocando esse raciocínio para um outro contexto, poderíamos indagar: as mudanças no campo das representações⁴ que se verificaram no

2 Como nos informa Lizka (1996: 24), um interpretante pode ser entendido de forma geral, como uma “tradução” do signo: “um signo não é um signo a menos que traduza a si mesmo num signo mais desenvolvido do que ele.” (CP 2.308). Esta “tradução” não se limitará às mentes humanas, podendo ocorrer numa máquina, ou mesmo numa simples célula.

3 André Leroi Gouhan (1985: 187-192) defende que as formas mais primitivas de escrita tenham surgido há cerca de 35.000 A.C, quando, na opinião desse antropólogo, também a fala já se articulava, embora houvesse uma autonomia entre as duas nesse momento inicial. Estamos num período anterior ao alfabeto em que a abstração se fazia presente, mas não, evidentemente, com a mesma intensidade alcançada com a escrita alfabética.

⁴ De acordo com Santaella (2000: 17), o termo representação deve ser usado para se referir à relação triádica em si mesma, e não para se referir ao primeiro termo desta relação - o signo ou representamen.

COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo, Volume 3, Número 1, p. 071 - 078, TEXTO 08/3.1, janeiro/junho, 2006

século XIX não teriam sido impactantes suficientemente para se fazerem ressoar na obra de um filósofo que se dedicava justamente ao estudo das relações sógnicas?

Analisemos, então, aquilo que até aqui viemos alardeando, a multiplicação dos signos no século XIX, nas cidades que cresciam alavancadas pelo processo de industrialização. Cidades onde nos depararíamos com algo novo no campo das linguagens – a fotografia, com a qual não se produziam apenas retratos que permanecessem na esfera familiar, mas também arquivos empregados pela polícia, como elemento capital de um moderno sistema de identificação. Os signos se multiplicavam no século XIX, também na imprensa que nunca antes passara por um crescimento tão significativo. Os signos tomariam uma forma jamais vista, embora há muito desejada, com imagens em movimento, na última década daquele século – com o advento do cinema que surpreendia seus primeiros espectadores com filmes de truques, repletos de metamorfoses mágicas, que ecoavam a transformação da matéria-prima em produtos obtidos quase instantaneamente pelo processo industrial (Gunning, 2001: 41).

Estamos, definitivamente, em um período em que a representação é a pauta do dia. Charney e Schwartz (2001: 27), comentando sobre a fotografia e a “indistinção”⁵ entre realidade e representação⁶ que esta pretensamente promoveria, atentam para aquele que seria um aspecto crucial da modernidade – a crescente tendência de entender o real somente como suas re-apresentações.

A industrialização que parece causar estranhamento aos cineastas pioneiros também é lembrada por Peirce, ou melhor, o silvo estridente da máquina a vapor é lembrado pelo filósofo, ao explicar a Lady Welby a idéia de segundidade, em carta na qual o autor explicita à leitora as suas três categorias universais, base de sua teoria sógnica, tratada no decorrer do texto.

Peirce observa:

Imagine que numa noite está sentada sozinha no cesto de um balão, bastante acima da terra, gozando uma calma e tranqüilidade absoluta. Subitamente o silvo estridente de uma máquina a vapor percute-a durando algum tempo. A impressão de tranqüilidade era uma idéia de primidade, era uma qualidade de sentimento. O silvo percutante não lhe permite pensar em fazer algo, mas tão-somente sofrer. Portanto, isto é também absolutamente simples. Outra primidade. Mas a quebra do silêncio pelo ruído foi uma experiência. Na sua inércia uma pessoa identifica-se com o estado de sentimento antecedente, para ela um novo sentimento que advém é um não ego. Tem uma consciência a duas faces: ego e não ego (Peirce, 1998: 170).

Os estímulos das grandes cidades estavam no ar. São objeto do brilhante estudo, “A metrópole e a vida mental”, de Georg Simmel (1987), sociólogo contemporâneo de Peirce. Ao analisar as impressões descontínuas que marcam a vida metropolitana, Simmel põe-se a discutir seus efeitos sobre a vida mental. Para o autor, uma certa indiferença diante do outro, do mundo objetivo em sua totalidade, algo que ainda hoje denominamos atitude *blasé*, é fruto de um mecanismo de proteção às excitações que marcam os grandes centros urbanos.

⁵ O termo indistinção parece-nos exagerado, uma vez que uma fotografia é sempre um recorte de um objeto, ou seja, é capaz de apreendê-lo de forma limitada.

⁶ Charney e Schwartz não seguem a terminologia peirceana. Aqui, o termo representação aparece no seu sentido mais usual e não como uma relação triádica, entre signo, objeto e interpretante.

Poe é outro autor, contemporâneo a Peirce, que também parece estar atento aos signos que irrompem nas grandes cidades, signos que nas narrativas poeanas despertam inúmeros fluxos decifratórios. Em “O Homem da Multidão” (Poe, 1993) deparamo-nos com a imersão de um homem na multidão londrina, multidão resultante do crescimento das cidades em função da revolução industrial. Multidão que fascina e assombra a intelectualidade do período, assim como o narrador anônimo do conto, durante sua caminhada noturna.

Um psiquiatra do século XIX poderia diagnosticar o narrador poeano como um neurastênico, a moderna doença dos oitocentos, caracterizada pelo medo, ansiedade e nervosismo, como aponta Peter Gay (2002: 148-152). Desde cedo as crianças eram preparadas para temer: pessoas, situações, idéias e desejos. E o desconhecido da rua, evidentemente.

Outro predicado vital do narrador poeano é seu exímio talento para a observação ? capaz de apreender a extensa variedade dos habitantes da capital inglesa. É notável que as três faculdades do fenomenólogo, concebidas por Peirce ? ver, atentar para e generalizar? parecem estar perfeitamente ilustradas no passeio do narrador. Vamos a ele.

Se, no início de sua caminhada, o narrador-personagem poeano olha para os transeuntes em massa, percebendo-os em suas relações coletivas, logo se dá conta das “inúmeras variedades de figura, vestuário, jeito de andar, rosto e expressões fisionômicas” (Poe, 1993: 13). Passa então a categorizá-los. Refere-se à extensa multiplicidade de classes dos passantes. Enfatiza aquilo que diferencia o grupo dos pequenos funcionários de estabelecimentos chiques, daquele dos altos funcionários de firmas sérias, que diferiam também do grupo dos advogados, agiotas e fidalgos. Todas estas distinções e classificações fundamentavam-se num atento exame sógnico e decorrem, sem dúvida, do processo de especialização do trabalho, bem como do crescimento econômico, resultantes, ambos, da industrialização.

Poe em sua literatura acaba por nos inserir numa particularidade essencial do século XIX apontada por Gay (2002: 26-28): a numerosa, diversificada e profundamente dividida burguesia, algo que parece perfeitamente sintetizado pelo termo inglês - *middle classes*, classes médias.

Tal qual o narrador de “O Homem da Multidão”, outro e mais célebre personagem poeano, Dupin, o detetive que aparece pela primeira vez em “Os Crimes da Rua Morgue”, também almeja apreender os signos em sua totalidade. O personagem nos é apresentado como alguém capaz de chegar aos pensamentos mais íntimos de um indivíduo, pela observação e análise da mais ínfima mudança de expressão ou do gesto que, à maioria, passa despercebido.

Essa busca obsessiva por índices que tornem possível a identificação, o conhecimento do outro, é concomitante e reflexo da própria supressão dos traços do indivíduo na multidão da cidade grande. Esta característica da multidão, a destruição dos vestígios de seus membros, é, para Benjamin (1991: 72), o conteúdo primeiro das histórias de detetives.

E o detetive, como observa Benjamin (1991: 69-70), identifica-se com o *flâneur*. “Nas épocas de terror”, diz, “quando cada um tem em si algo de conspirador, cada um também chega a desempenhar o papel de detetive. A *flânerie* é o que lhe dá a melhor chance para isso”. Quem é o *flâneur*, afinal? Poderíamos vê-lo como um estudioso dos

seus contemporâneos. Alguém que esconde atrás de um olhar distraído, uma verdadeira compulsão decifratória, um desejo imenso de apreender o outro.

Talvez a identificação possa ser ampliada, introduzindo-se a figura do semioticista junto à dupla do detetive e do *flâneur*. Sujeitos que a partir século XIX se dedicam de uma forma ou de outra a penetrar no âmago das representações que proliferam nas metrópoles.

“A julgar por suas referências ao livro, ‘Os Crimes da Rua Morgue’ de Poe, Peirce certamente gostava de história de detetives”, observam Thomaz e Jean Sebeok (24: 1991). Os dois autores traçam um paralelo entre a conduta do filósofo ao desvendar o furto de seu relógio e os métodos investigativos de Sherlock Holmes e Dupin e constataam que a abdução é um elo fundamental entre o método adotado por Peirce e aquele dos detetives ficcionais.

Ao esclarecer o processo de formação da hipótese abduativa, Peirce (1929: 282 *apud* Sebeok 1991: 22) observa que nós freqüentemente retiramos da observação fortes sugestões de verdade sem sermos capazes de especificar quais foram as circunstâncias por nós observadas que conduziram a essas sugestões. Peirce, o filósofo bem sucedido em suas suposições, era tal qual o detetive da ficção, ou o *flâneur*, que perambulava pelas cidades, um exímio observador, atento ao próprio processo de observação. Um século de sinais é também um século de observadores infatigáveis. E de intérpretes.

Os primeiros exemplares de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 2001) aparecem em 1899. Na obra, Freud concebe um método de interpretação fundamentado nas livres associações que o sonhador pode fazer quando desperto. Os pensadores oitocentistas não se deteriam apenas em signos exteriores, mas também em signos mentais, inclusive nos sonhos. A abrangência da concepção de signo peirceana parece sintonizar-se com mais esta representação, sobre a qual se debruça um dos mais importantes pensadores do período, já que Peirce não restringe sua concepção de signo às entidades existentes, tomando como signo também os sonhos e aquilo que é matéria da nossa imaginação.

Assim como a psicanálise, também o marxismo, é um fruto do século XIX. A idéia de que por trás de todo o mundo manifesto se oculta um mundo latente, apresenta-se nos oitocentos tanto no pensamento marxista, quanto na psicanálise (Houser 2000: 156). Poderíamos incluir aí também a narrativa policial. Nas palavras de Brecht (*apud* Dibdin 1994: 213), trata-se de um gênero literário que lida invariavelmente com a idéia de que por trás dos eventos reportados, existem outros que não são ditos. E não é uma relação semelhante àquela que se estabelece entre um signo e seu objeto, à medida que o signo é capaz de representá-lo apenas em parte? Examinemos a questão mais detidamente antes de qualquer afirmativa sobre o assunto.

Consideremos um signo, dentro da abordagem peirceana, como algo que, sob certo aspecto, ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém – produzindo numa mente interpretadora um efeito denominado interpretante. Num determinado recorte analítico, poderíamos considerar o conteúdo manifesto de um sonho e a ideologia como signos, que representam, sob certa forma, seus objetos – respectivamente, o conteúdo latente e a realidade social, – para uma mente interpretadora.

“O conteúdo manifesto do sonho é um substituto deformado para os pensamentos inconscientes do sonho. Essa deformação é obra das forças defensivas do ego”, sustenta Freud (2003:37). “Uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta”, é a síntese que Bottomore (1988:183) parece encontrar

para a concepção de ideologia⁷ de Marx e Engels. Nos dois casos parecemos estar diante de uma representação que deforma o objeto, que o oculta.

A relação de incompletude entre um signo e seu objeto é esmiuçada por Santaella:

A ligação de um signo com seu objeto se dá sob algum aspecto ou qualidade, quer dizer, um signo está ligado ao objeto não em virtude de todos os aspectos do objeto, porque se assim o fosse, ele seria o próprio objeto. Pois ele é signo justamente porque não pode ser o objeto. Desse modo haverá muitos aspectos do objeto que ele não tem poder de recobrir. O signo estará nessa medida sempre em falta com o objeto. Daí sua incompletude e conseqüente impotência, sua tendência a se desenvolver num interpretante onde busca se completar.

A idéia de deformação expressa na perspectiva freudiana acerca do conteúdo manifesto de um sonho ou na concepção marxista de ideologia não é igualável à concepção de um signo como uma representação incompleta de seu objeto. A generalidade das concepções peirceanas parece permitir, contudo, uma compreensão da defasagem que existe entre o signo e o objeto expressa nas concepções de Freud e Marx.

A tendência do signo se desenvolver num interpretante onde busca se completar pode ser pensada, em termos da psicanálise, através do mecanismo de livre associação e, em termos marxistas, através da crítica à ideologia. Dois processos capazes de produzirem interpretantes que vão se aproximando daquele objeto⁸ que estava oculto – a contraditória realidade social, no caso da crítica à ideologia e o conteúdo latente do sonho, no caso das livres associações. Apesar do caráter abstrato da semiótica peirceana, em diversas passagens vemos-nos diante de exemplos ilustrativos que revelam a atenção de Peirce à multiplicidade de sinais que revestem a existência cotidiana. Ao identificar aquilo que é essencialmente um signo⁹, numa passagem dos *Collected Papers*, refere-se ao jornal diário (CP. 6455), entre outros exemplos. Em outro momento, ao definir signo como: uma classe geral que inclui figuras, sintomas, palavras, sentenças, livros, livrarias, sinais, ordens de comando, representantes legislativos, microscópios, concertos musicais e as performances desses concertos, (Peirce *apud* Johansen, 1993: 56) fornece uma amostra da abrangência de sua teoria, além de se mostrar atento aos elementos do dia-a-dia.

Como dissemos no início do texto, não vamos encontrar na obra peirceana uma semiótica que tivesse como objeto de estudo o século XIX e suas transformações, embora sua teoria, ao não se limitar aos signos verbais, ao ser capaz de abarcar tanto fenômenos físicos quanto sociais, pareça talhada para dar conta dessa complexidade. Estamos diante de um homem em sintonia com seu tempo, quando o problema do signo

⁷ Embora observe mudanças na concepção de ideologia ao longo da trajetória intelectual destes autores, Bottomore (1988:185) enfatiza a conservação de sua conotação crítica e negativa, mas ressalva que o conceito só se aplica às distorções relacionadas com o ocultamento de uma realidade contraditória, e não a uma falsa consciência geral, que envolve qualquer tipo de distorção, abrindo caminho, assim, para a confusão entre ideologia e todos os tipos de erro.

⁸ Estamos nos referindo aqui, especificamente, ao objeto dinâmico.

⁹ Ao descrever o Terceiro Universo da Experiência, como aquele cujo ser consiste no poder ativo de estabelecer conexões entre diferentes objetos, especialmente entre objetos em diferentes universos, Peirce observa que este tipo de característica é aquilo que define o que é essencialmente um signo, a alma do signo propriamente, cujo ser está no poder de servir como intermediário entre seu objeto e a mente. “Desse modo é tudo que é essencialmente um Signo [...]. Assim, também, é uma consciência viva, e assim a vida, o poder de crescimento de uma planta. Assim é uma constituição viva? um jornal diário, uma grande fortuna, um ‘movimento social’ ” (CP 6.455).

fascinava e entusiasmava também autores como Poe, Simmel, Baudelaire, Freud, entre outros.

Referências:

- BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin*. 2 ed. Flávio Kothe (Org.). São Paulo: Ática, 1991.
- BEUCHOT, Mauricio. *La semiótica*. México, D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 2004.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. (Orgs.) *O cinema e a invenção da vida moderna*. 1ed. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.
- DEELY, John. *Introdução à semiótica: historia e doutrina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. *Cinco lições de psicanálise. Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GAY, Peter. *O século de Schnitzler*. 1 ed. São Paulo, Companhia das letras, 2002.
- GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001. p. 39-80.
- HOUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Álvaro Cabral (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JOHANSEN, Jorgen. *Dialogic Semiosis*. Bloomington: Indiana University Press, 2003.
- LISKA, James Jakób. *A general Introduction to the Semeiotic of Charles Sanders Peirce*. Bloomington: Indiana University Press, 1996
- LEROI-GOURHAN, Andre. *O gesto e a palavra. Técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- NOTH, Winfred. *Panorama de semiótica: De Platão a Peirce*. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2003.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Collected papers*, v.1-6, Hartshorne e Weiss(eds.), v. 7-8, Burks.(ed.) Cambridge: Harvard University Press,1931-1958.
- _____.Guessing. *The Hound and Horn*, 1929. p. 257-282.
- _____. *Antologia Filosófica*. Tradução, prefácio e notas de Antônio Machuco Rosa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- POE, Edgar Allan. Os crimes da rua Morgue. *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Abril, 1978.
- _____. *O Homem na Multidão*. 1ed. Curitiba: Paraula, 1993..
- RANSELL, Joseph. *The conception of sign*. Comunicação oral inédita,(s.d).
- RANSELL, Joseph. *Peircean semiotics*. Manuscrito inédito, 1983.
- RODRIGUES, Adriano. *Introdução à semiótica*. 2 ed. Lisboa: Cosmos, 2000.

SANTAELLA, Lucia. *Teoria Geral dos Signos*. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____ *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SEBEOK, Thomaz; Sebeok, Jean. Você conhece meu método. In: Eco U, Sebeok, T,(Orgs.). *O Signo de Três*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p.13-58.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: Velho, O. (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p.13-28 .